

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Assistência

Guimarães, cidade laboriosa, concelho de rara actividade, comercial, industrial e agrícola, possui uma densa população obreira, cujas condições de vida não podem dizer-se favoráveis a um estado sanitário compatível com a energia necessária ao seu desenvolvimento.

São milhares de operários que se aglomeram aquém e além, ora junto dos centros fabris onde trabalham ora em recantos onde a vida lhes parece mais económica, não curando de modo algum de remediar os inconvenientes para a sua saúde, de remover os obstáculos à sua boa hygiene. São em geral parcos os seus salários; é numerosa a sua prole; e o braço trabalhador a custo consegue prover ao estritamente necessário para cada dia, nada lhes restando para amanhã.

Quem tiver coragem para percorrer as habitações do nosso operário, percorrendo os miseráveis tugúrios, onde em promiscuidade habita uma família inteira, sem ar, sem luz, sem aceio, sem hygiene, se não depara geralmente com um catre despido onde agonisa a mulher, um filho uma filha do pobre trabalhador que de manhã à noite moureja em busca do negro pão com que há-de alimentar os seus, encontra sempre uma prole raquítica, enfizada, sem côr, disforme, faminta, anciando em vão por alguém que lhes estenda a mão protectora.

E assim, a morte lá vai na sua vertiginosa corrida ceifando vidas que a miséria orgânica deprimira, sonhando energias que seriam outras tantas alavancas da riqueza regional.

Urge pôr cõbro a esta situação perigosa, deshumana, imprópria dos tempos de civilização e progresso que vimos atravessando.

Os desprotegidos da sorte, aqueles cujo braço vigoroso vamos buscar a riqueza, carecem de ser olhados com especial carinho, proporcionando-lhes os meios eficazes de luta contra a miséria, organizando-lhes uma assistência verdadeira e útil.

Pela República

Comemora-se, no dia 5 do próximo mês, mais um aniversário da implantação do regime republicano em Portugal. Necessário é que todos os republicanos concorram para que esta data gloriosa não passe despercebida, afim de mais uma vez, se prestar a devida homenagem aos heróis de 5 de Outubro de 1910, que, num ímpeto de bravura e de coragem, nos aliviaram da opressão dum regime apodrecido, mas que, embora artificialmente, ia vivendo...

Lembramo-nos, os republicanos, desses grandes vultos que nunca atraçoaram o seu ideal e que por êle têm sacrificado a própria vida.

Os republicanos do 5 de Outubro de 1910 deram a lição mestra aos seus inimigos: provaram-lhes que a Nação queria uma República, mas uma República pacífica sem opressões.

Porém, os adversários, sempre egoístas, e não satisfeitos com o *reverso da medalha*, principiaram a debandar para o país visinho, aonde organizaram a sua malta de traidores para conspirarem contra a República, regime de tolerância e de progresso, de cuja tolerância não se quizeram aproveitar, e cujo progresso pretendiam prejudicar!! Era a peçonha que os fazia pular, era o ódio contra todos os republicanos que os fazia pegar em armas, era a ambição desenfreada da soberania que os animava a abandonar os seus lares para, lá de longe, arremetarem contra nós as balas da traição e da cobardia.

Traidores e cobardes, como hoje são, com raras excepções, aí os temos a conspirar por toda a parte, inclusivamente nos quartéis, como acaba de verificar-se com o ocorrido nas unidades da 1.ª Região Militar. Um inquérito rigoroso, feito com intelligência e imparcialidade, dará muita luz sobre o que se vinha passando; averiguar-se-há quais os autores dos tão significativos manifestos de propaganda monárquica; dir-se-há ao Estado republicano quais são os seus desleais servidores; dignificar-se-há o exército português, separando o trigo do joio, e, enfim, culpar-se-hão os provocadores da desordem, dando-lhes o castigo devido, pelo

Aniversário da Proclamação da República

No dia 5 de Outubro, em comemoração do 18.º Aniversário da Implantação da República, realiza-se nesta cidade uma festa patriótica com o seguinte programa:

— De manhã e ao meio dia, salvas de morteiros, percorrendo as ruas da cidade uma banda de música;

— De tarde, concerto musical no jardim público;

— A's 16 horas, bôdo aos pobres no Teatro D. Afonso Henriques;

— A's 17 horas, sessão cinematográfica grátis, às crianças, com uma alocação alusiva à data histórica;

— A's 20 horas, repetem-se as salvas de morteiros e o arruamento pela banda de música.

A's 21 1/2, uma sessão solene no Teatro D. Afonso Henriques.

CONVITE

E' por êste meio convidado o povo republicano de Guimarães a concorrer às manifestações que se celebram, afim de tornar mais grandiosa a Comemoração da gloriosa data de 5 de Outubro.

Viva a República.

menos aquêlo que tem sido dado a republicanos que amam e defendem a sua República.

Acabe-se, de uma vez para sempre, com o triste espectáculo de perder tempo com as aventuras dos *indesejáveis* monárquicos, porque o tempo perdido com estas *proesas* poderá ser aproveitado em coisas de utilidade para o País. Uma vez o mal cortado pela raiz, acabarão as *intentionas*, e as esperanças de um regresso ao regime deposto serão postos de parte. E' isto o que deve fazer o Governo da República — limpar sem perseguir. Encobrir ou não averiguar convenientemente casos d'êstes; será atraçoar o pensamento republicano e comprometer, ao mesmo tempo, a honra e dignidade daqueles que devem providenciar.

Republicanos:

As horas de hesitações devem acabar; estejamos unidos na paz e na luta; façamos ver aos nossos inimigos, que a todo o momento procuram desunir-nos, que somos republicanos por convicções, e, como tais, que lutaremos intransigentemente pelo nosso ideal, com a certeza do triúmpfo. Que havemos de respeitar e defender a memória dos nossos companheiros de luta e que o

5 de Outubro, que se avizinha, será comemorado com ardor e entusiasmo e com as maiores esperanças num futuro ridente.

Viva a República.

Pelas Taipas

Triste epílogo de uma campanha de ódios

Está ainda na memória de toda a gente a miserável campanha que um grupo de moleiros e proprietários marginais do Ave, agitados e organizados por um conhecido trauliteiro, promotor de traficâncias, levaram a efeito para obterem a demissão da Comissão de Iniciativa das Taipas, composta de republicanos que vinham pondo o seu esforço à luta por melhoramentos para as encantadoras terras, bem dignas de melhor sorte.

Em conluios constantes a que presidia a citada mentalidade e outros elementos bem conhecidos instigaram e patrocinaram não se fazia outra coisa senão anavalhar os membros da Comissão, aproveitando todos os pretextos, inventando tudo para os ataquar com os habitantes e atirar sobre êles os ódios da povoação, porque tinham tido a ideia de traçar um plano de melhoramentos e procurado amenizar aos períodos de vigiliatura aos aquistas, criando-lhes distrações, entre as quais a possibilidade dos belos passeios de barco no Ave.

Mas para que falar no que é de todos sabido?

Vamos adiante.

A Comissão foi substituída por elementos queridos dos autores da mesquinha e ridícula campanha.

Parece que estava portanto tudo normalizado. Mas não.

As opiniões que foram unânimes para escolher a Comissão que trabalhava começaram a dividir-se e cada um foi puchando a manta para si. Os proprietários marginais requeriam a demolição de uma obra que permitia lindos passeios, em nada os prejudicava.

Os moleiros e cutileiros que inicialmente se disseram desprezados com a obra, fizeram representações, colhiam assinaturas de juntas de paróquia que se desdiziam das anteriores opiniões e pediam a conservação da represa tal como estava.

E' bom que se saiba que a modificação da represa, que, repetimos, a ninguém prejudicava, foi feita com conhecimento e autorização verbal de todos os interessados. A licença não foi rialmente legalizada, mas a seu tempo se dirá quem tem a culpa.

Enfim os tempos mudaram e na luta alguém tinha de perder. Perderam os moleiros e cutileiros, que depois de terem gasto as suas economias, dispendido muito dinheiro na vil campanha em que se envolveram, assistiram, na pretérita terça-feira à reposição da represa no seu primitivo estado, ficando paralizada a sua moagem e a sua indústria.

E a povoação das Taipas, que não pode ser responsabilizada pelas ações e vilas de demetados e maus que só vivem semeando a discórdia, estabelecendo a intriga, contrariando iniciativas úteis, combatendo esforços sinceros e desinteressados fica sem os seus passeios de barco.

Eis o epílogo triste, vergonhoso de uma nefasta campanha dissolvente.

E' caso para perguntar-se — e agora que mais virá?

Sabemos que já se cometem vergonhosos e indignos, que se anunciam vinganças e desforras.

Dizem-nos que o principal instigador da campanha cujo epílogo se deu, não desarma nas suas tentativas miseráveis e procura alimentar ainda o fogo sagrado nos moleiros e cutileiros, para que lhe não faltem com os brindes, comensais e borracheiras e que sistematicamente persiste em atribuir aos republicanos todos os males, todas as desordens, todos os atropelos que há um tempo a esta data se vêem dando nas Taipas.

Parece-nos que já não haverá ninguém honesto, nenhuma pessoa de bem que possam manter fechados os olhos.

E as autoridades que até ao presente têm sido erroneamente informadas já devem saber a quem atribuir as responsabilidades. Por nossa parte o silêncio vai custar-nos e no futuro não pouparemos aqueles que tão malvavelmente prejudicam a povoação inteira, caluniando e perseguindo aqueles que não patrocinam as suas ridículas ambições.

Luta anti-tuberculosa

e anti-sifilítica

A debelação dos dois terríveis flagelos, a tuberculose e a sífilis, que tantas vítimas veem causando e tantas energias aniquilam no concelho de Guimarães, vai finalmente tratar-se.

Assim o promete a Comissão Municipal de Assistência, que na sua última sessão, a que assistiram os Srs. Drs. Alfredo Fernandes, Mario Dias e Ferreira da Cunha, sob a presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Mota Prego, votou por unanimidade uma proposta referente a este momentoso problema.

E' digno de registo o entusiasmo e carinho com que o venerando presidente da Câmara e ilustre vimaranense Ex.^{mo} Sr. Dr. Mota Prego acolheu a proposta e lhe prometeu todo o seu esforço.

Estamos certos que ninguém deixará de prestar a esta humanitária cruzada todo o seu auxilio para que dentro em breve tempo a vejamos realizada.

Pela nossa parte afirmamos a digna Comissão Municipal de Assistência o nosso indiscutível apoio e saudamo-la pela maneira brilhante como se interessa pela saúde de Guimarães.

Transcrevemos a seguir a proposta aprovada de que é autor o nosso presado amigo Sr. Dr. Alfredo Fernandes, digno Sub-Inspector de Saúde deste concelho:

— A missão das Comissões de Assistência não pode, de maneira alguma, ser simplesmente ratear pelas casas de caridade as quantias que lhes são atribuídas. Para isso desnecessária seria a sua constituição, pois bastava confiar o encargo a qualquer funcionario contabilista.

E' bem mais elevado o seu cargo, mais nobre os seus fins.

As Comissões devem sobretudo velar pela assistência nas respectivas regiões, procurando que ela se faça com critério, com vantagens, satisfazendo a necessidade dos povos.

Em qualquer concelho esta missão é espinhosa, mas em Guimarães ela reverte extraordinaria importancia, atendendo á densidade da população, ao seu consideravel meio operário, cujas condições de vida são excepcionalmente precarias.

A cidade de Guimarães, com os seus milhares de operarios, e varios centros fabris, que se espalham por todo o concelho, carecem de especiais cuidados com a sua assistência.

Não basta tratar de doenças agudas e passageiras ou os doentes irremediavelmente perdidos.

E' preciso combater a miseria orgânica, principal causa de muitas lesões.

Em Guimarães lavra com pavorosa intensidade a tuberculose e a sífilis, que diariamente fazem as suas victimas.

Não devemos limitar-nos a aplicar medicamentos a lesões manifestas.

Quer a tuberculose quer a sífilis não limitam a sua acção demolidora áqueles que vão baixando ao tumulo.

Os que ficam guardam em si o germen da doença que por seu turno os ha-de vitimar.

E' indispensavel por isso estabelecer uma barreira á sua propagação e tomar improprio o terreno para o seu desenvolvimento.

O problema da luta contra a tuberculose e a sífilis tem de ser encarado com energia, com decisão, com rapidez, para evitar o constante descalabro nas nossas energias produtoras.

E' necessario estabelecer postos para tratamentos anti-sifilíticos e de assistência a tuberculose incipiente e a candidatas a lesões bacilares.

Impõe-se o isolamento dos in-

O incêndio de Madrid

no Teatro Novedades

Causou-nos funda impressão a horrivel catastrophe ocorrida no passado domingo na Capital hespanhola, o incêndio do Teatro Novedades onde pereceram dezenas de pessoas ficando centenas gravemente feridas.

Os diários de Lisboa e Porto dão-nos bem uma ideia do que foi aquela horrivel tragedia que enlutou a nação visinha.

A proposito lembramos ás nossas autoridades para que olhem para o deploravel estado em que se encontram as nossas casas de espectáculos, a tempo de se evitar qualquer grande desgraça.

Mais vale prevenir que remediar.

Quintino Teixeira de Abreu

Devido a desgostos intimos poz termo á vida, por enforcamento, na sua residencia o nosso amigo sr. Quintino Abreu, habil funcionario da filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, que nos penalizou bastante porquanto era o inditoso moço muito estimado no nosso meio social pelo seu porte e distincção de maneiras.

Era sobrinho dos nossos amigos Srs. Carlos Abreu, digno guarda-livros do mesmo Banco e João de Faria e Souza Abreu, tesoureiro da Camara Municipal.

A toda a familia enlutada envia «A Velha Guarda» os seus sentidos pezames,

dividuos cujas lesões podem, pela sua gravidade, contagiar as outras pessoas.

Urge que os doentes tuberculosos e sífilíticos irremediavelmente condenados tenham local proprio onde possam alojar-se com relativo conforto e bem estar.

Não pode a cidade de Guimarães dispensar uma instalação sanatorial apropriada.

E' indispensavel que a infancia os homens de amanhã, seja carinhosamente cuidada, afim de podermos ter gerações sadias e aptas para o trabalho.

E' sobre estes pontos basilares que deve assentar a assistência e é nelas que reside a grande e importantissima missão das Comissões

Pode dizer-se que até ao presente nada existe feito em Guimarães, e a saúde pública, o nosso proprio brio, o espirito humanitario exigem que esta situação tenha um rapido fim.

Não pode protelar-se por mais tempo a organização desta assistência e por isso eu proponho que esta Comissão promova o immediato estabelecimento de serviços de saúde que tornem possível uma luta eficaz contra a tuberculose e contra a sífilis que pavorosamente assolam a população vimaranense, criando:

- 1.º Um posto de Assistência externa aos sífilíticos e tuberculosos que não careçam de hospitalização;
- 2.º Pavilhões sanatoriais apropriados, que poderão ser construídos na encosta nascente sul no Monte da Penha;
- 3.º Um pavilhão de isolamento para doentes incuráveis.

Para levar a efeito esta obra altruista proponho ainda que se promova uma reunião de todos os elementos que possam concorrer para a sua realização e que o Ex.^{mo} Presidente tome a seu cargo a convocação em dia próximo que oportunamente escolherá.—

Festa elegante

nas Taipas

Foi cheio de entusiasmo o chá dançante que a distinta colónia vimaranense promoveu, na noite da pretérita terça-feira.

O salão do Hotel das Termas profusamente iluminado oferecia um aspecto encantador a que davam todo encanto as lindas toiletas das gentis senhoras que abrihantaram esta festa que a todas deixou gratas recordações.

Entre a assistência tomamos nota das Ex.^{mas} Senhoras:

D. Inês de Melo Barrêto, D. Celeste Fernandes, D. Madalena Jacinto, D. Maria d'Oliveira Castro, D. Maria da Conceição da Costa Carvalho, D. Lina Leite Guimarães, D. Alfrêda Campos, D. Margarida Felix Tavares Ferreira, D. Maria da Costa Carvalho, D. Josefina Ferreira Gonçalves, D. Loduvina Prata Guimarães, D. Angelica Pizarro de Almeida, D. Estefânia Moraes d'Eça Carvalho, D. Maria Carlota de Vasconcelos e Sa, D. Ana Maria Jacinto, D. Amélia de Azevedo, D. Maria Albertina Felix Tavares, D. Augusta Durão Miranda, D. Fernanda Leite Guimarães, D. Amélia do Carmo Felix Tavares, D. Rosa Candida Ferreira Gonçalves, D. Rosa Ferreira Medina, D. Maria José Teixeira de Barros, D. Maria Augusta Alves de Moura, D. Damiana Maria Ribeiro Ferreira, D. Josefa Fernanda Peixoto d'Andrade, D. Angelica Pizarro de Almeida, D. Julia da Cruz Viana, D. Julêta Gonçalves Guimarães, D. Amélia da Cruz Viana, D. Maria Fernanda Tavares Ferreira, D. Deolinda Ferreira da Silva, D. Rosa Lucia de Castro Rôriz, D. Amélia Cristina Ferreira Gonçalves, D. Maria da Costa Moraes Castro, D. Maria Adelia de Almeida, D. Maria Rodrigues Ferreira, D. Margarida Ferreira Maia, D. Maria Balbina Saraga, D. Maria Madalena Jacinto, D. Judite Augusta da Costa Carvalho.

E os Ex.^{mos} Senhores:

José Jacinto Junior, Amadeu da Costa Carvalho, Jorge de Abreu, Antonio Ferreira de Castro, José Fernandes Guimarães, Dr. Joaquim Teixeira d'Araujo, Fernando Ferreira, José B. Teixeira de Barros, Alvaro Augusto da Costa Carvalho, Heitor Campos, José Jacinto de Carvalho, Eduardo Pizarro de Almeida, Fernando Durão Miranda, Dr. Alfredo Fernandes, José Teixeira de Barros Junior, Antonio Mota Prego de Faria, Alberto de Magalhães Vieira da Cruz, José Ribeiro de Castro, Joaquim da Silva Leite, Francisco de Jacinto Carvalho, Francisco Julio Tavares de Guimarães, João Mota Prego de Faria, Antonio de Jacinto Carvalho, Antonio da Silva Martinho, Amadeu da Costa Carvalho, (filho) Jaime de Castro, José Manuel da Costa Carvalho, Abilio Alberto D. Pinto de Miranda.

Ontem no mesmo salão realizou-se uma ceia á americana promovida igualmente pela nossa elegante colónia e hospedes do Hotel das Termas.

Foi uma festa admiravel, encantadora.

No proximo numero daremos um esboço daquele soberbo fecho de época termal.

GRAFONOLAS e discos Homocord, Odeon e outros, últimas novidades, e agulhas próprias para todos os sons, vendem-se na **Casa de Santa Teresinha**, Rua da República, 122.

Crime em Abação

Ha dias o nosso amigo sr. Manuel Francisco Alves, do logar do Penedo Velho, freguezia de São Tomé de Abação, quando recolhia a casa já de noite, foi alvejado por um tiro de espingarda, que lhe disparou Gabriel Exposto, da mesma freguezia, homem preverso, habituado a identicas patifarias, ficando sempre impune.

O ferido recolheu ao hospital da Misericordica desta cidade, onde permaneceu 15 dias.

Sabe-se que se movem grandes influencias para abafar o crime, bem como para arranjar licença de uso e porte de armas para o criminoso, que a não tinha, como nos garantiram dois distintos funcionarios da extinta Administração do Concelho desta cidade.

O nosso amigo Manuel Francisco Alves constituiu seu Advogado, o distinto causidico e nosso amigo Sr. Dr. Eduardo Almeida.

Aguardamos a acção da Justiça.

José Fernandes da Costa Abreu

Após prolongados sofrimentos faleceu no passado domingo este nosso presado amigo e devotado correligionário, antigo vogal substituto da Comissão Municipal do P. R. P. deste concelho.

Embora soubessemos que a doença que o minava é das que não perdoam, causou-nos dolorosa impressão a sua morte pois que José Abreu era um perfeito homem de bem e um belo character.

Era co-proprietario do Café Oriental e sócio da Fabrica de Vila Flor desta cidade.

O seu funeral, que se realizou na igreja da Colegiada teve enorme concorrencia de possoas amigas do finado desde as mais altas classes sociais ás mais humildes.

Foram organizados varios turnos e depostos imensos bouquets de flores naturais.

O P. R. P. deste concelho foi representado no funeral pelo nosso amigo e correligionário Sr. José Fernandes Guimarães, antigo vereador da Camara Municipal.

A familia em luto a expressão do nosso profundo pesar.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

Continuado do n.º 197

Fernão Peres seria em Portugal a entese de seu pai. Acresce que, a continuar o livre exercicio daquêlle amor escandaloso, embora sincero, difficil seria augurar a nossa independencia. E está certo. Que o ex-alferes-mor de Diogo Gelmires continuou sendo occultamente amigo devotado deste famoso intrigante, *uma especie de Mefistófeles episcopal* no dizer judicioso de Herculano, é inegável.

Lógico até que procurasse como que enfeudar-se nesta remota provincia não parece haver dúvida. Mas daí afirmar-se que fôra triste mercancia o robusto sentimento que ligou o soldado, embora illustre, da Galisa a uma filha do mais valoroso dos até então reis da Hespanha cristã, vai um bocado.

A filha de Ximena Nunes era ainda nova e bastante formosa para ser o ludibrio amoroso de tão valente cavaleiro.

D. Teresa perdeu o dominio proprio ao ligar-se com Fernão Peres. Foi lançada violentamente na imobilidade do seu sexo, arrancada ao seu ambiente sem

reacção dos brios tão nossos conhecidos.

Qual seria o terminus da sua conduta se a jornada ensanguentada de S. Mamede não trouxesse, ao entardecer do seu último dia de rainha, a neblina da derrota, o crepe da abjecção? O conde de Trava estava cumulado de préstamos e mercês. Era consul da terra portugalesa e da terra colimbriense, alcaide-mor da castelo de Faro, na Galisa e do de Soure em Portugal. Era após a infanta D. Teresa a primeira personagem na corte de Guimarães. Era também o alcaide-mor do castelo de Santa Ovaia. Brilhava demasiado a sua estrela. Brilhava a ponto de queimar-se na própria luz. Um pouco mais e o trabalho de D. Henrique seria infructifero. Se a roda da fortuna lhe fosse propicia uma hora mais, rezar-se-ia em breve o officio de defuntos pelo germen da nossa independencia. Sobejava-lhe engenho e á mimo para tal empresa. Fernão Peres de Trava era um homem forte, no sentido mais amplo da palavra; tão forte que encontrou sequazes na terra que desejava oprimir e arrancar á sua existencia própria. Mas, por mais que a sorte nos impinja destes *fernãos de travas* não consegue que dia mais, dia menos, lhes deixe de sair á estacada o fio acerado duma espada de epopeia — qual foi em suma a de Afonso Henriques.

A formosa rainha de Portugal — permita-se-nos agora este glorioso nome já que as suas characteristics próprias se revelavam — era um alto espirito. A mulher que se apossa de Tuy e Orense, com desassombro varonil, mostra uma bem pesada audacia. A mulher que evita quando pode a luta ingloria precisa de espertesa. D. Teresa tinha qualidades. Uma vez convocara D. Urraca uma assembleia, em Oviêdo, afim de pôr cobro aos crimes que se praticavam nos seus estados, sobretudo nas Astúrias. Compareceram prelados e ricos-homens, príncipes e alcaides. A viuva do conde bolognhês simulou ali tôda a insignificancia possível. Os vassallos não a acompanharam.

Sentindo-se fraca para lutar, naquele momento ia enganando assim a irmã que, talvez por conveniencia, lhe perdoava sempre. E não raras vezes tirou a infanta um bom partido da sua inferioridade. A exemplo citaremos a invasão que a ludibriada mãe de Afonso Raimundes resolveu, sob qualquer pretexto futil, dirigir a Portugal.

A infanta preparou á pressa toda a sua resistencia de momento. Encontraram-se os dois exercitos no Alto Minho. Separava-os o rio deste nome. Por casualidade tomou aspecto mau a primeira fase do combate; isto bastou para que os bisonhos da *mui formosa rainha portugalense* se desordenassem em vergonhosa fuga pânica.

(Continúa).

NÁ PARADA DOS BOMBEIROS

GINKANA DE AUTOMOVEIS

Mais uma festa interessante vão realizar os Bombeiros Voluntários na sua nova parada.

Nada mais e nada menos que uma ginkana de automoveis, espectáculo que reúne sempre muita gente e escolhida.

Teremos pois no proximo dia 14 de Outubro uma festa a que ninguém deve faltar, jámais sendo ela organizada pelo simpatico Zé Roberto, grande *sportman* e prestiguidador nas horas vagas.

Em breve publicaremos o programa.